

ASPECTOS DA HETEROGENEIDADE DISCURSIVA MOSTRADA EM CARTAS DO PAPA FRANCISCO*

José Ronaldo Ribeiro da Silva¹ – UERN
Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa² - UERN

Resumo: Este trabalho elabora uma breve análise da constituição e do funcionamento do gênero carta papal, pertencente à esfera do discurso religioso católico (DRC), através da descrição das formas de citação do discurso do outro. A importância da pesquisa está no fato de propor uma discussão acerca deste gênero, ainda pouco estudado, e da heterogeneidade discursiva constituinte da argumentação textual deste domínio, expressa por meio das formas de citação da palavra alheia. A grande repercussão que os discursos do Papa Francisco têm perante os diferentes auditórios na sociedade contemporânea exige mais análises e considerações para uma melhor compreensão e caracterização do funcionamento linguístico e discursivo deste tipo de enunciado. O embasamento teórico-metodológico adotado pela pesquisa é a abordagem dialógica do discurso de Bakhtin (2014) com a contribuição dos insights de Authier-Revuz (1990; 2004) e Dominique Maingueneau (2002). Os resultados obtidos mostram uma relação entre as formas predominantes de citações presentes em cada carta e o auditório social específico para quem os enunciados foram destinados. O discurso citado direto (DD), o discurso citado indireto (DI) e a ilha citacional (IC) foram as formas mais presentes na construção argumentativa do gênero analisado.

Palavras-chave: Dialogismo; Heterogeneidade Discursiva; Discurso Religioso Católico; Enunciado.

ASPECTS OF THE SHOWN DISCURSIVE HETEROGENEITY IN POPE FRANCIS' LETTERS

Abstract: This paper elaborates a brief analysis of the construction and operation of the genre papal letter, belonging to the sphere of Catholic Religious Discourse (DRC), by describing the forms of other's quoted speech. The importance of this research is in the fact of proposing a discussion about this genre, yet little studied, and about the constituent discursive heterogeneity of the textual argument of this domain, expressed through forms of quotation of the other's words. The great impact that the speeches of Pope Francis have before different audiences in contemporary society requires more analysis and considerations for better understandings and characterization of linguistic and discursive functioning of this type of statement. The theoretical-methodological basis adopted by the research is the bakhtinian dialogical approach (2014) with the contribution of Authier-Revuz (1990, 2004) and Dominique Maingueneau (2002). The results show a relationship between the predominant forms of citations present in each letter and the specific social audience to whom the statements were intended. The direct quoted speech, the indirect quoted speech and citational or textual "islands" were the forms present in the argumentative construction of the analyzed genre.

Keywords: Dialogism. Discourse Heterogeneity. Catholic Religious Discourse. Statement.

*A temática deste trabalho integra a pesquisa de mestrado sobre as formas de citação do discurso do outro na Encíclica *Lumen Fidei* de autoria do Papa Francisco, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

¹Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: ronaldrsjr@hotmail.com/ronaldoribeiro@ifce.edu.br.

²Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Acadêmico, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: socorrromaia@uern.br.

Introdução

A citação do discurso de outrem representa um fenômeno enunciativo complexo e, ao mesmo tempo, recorrente em todas as esferas ou domínios discursivos (o discurso científico, o religioso, o político, o literário, o cotidiano etc.). Pode-se dizer que o discurso citado representa a inserção do discurso de outrem no nosso próprio discurso. Bakhtin (2014, p. 150) o define como “*o discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*.” (Grifos do autor).

Uma das principais razões de citar a palavra do outro consiste em elaborar uma argumentação a favor de um ponto de vista, trazendo a voz do outro como uma espécie de parâmetro, de base discursiva, seja para apoiar, rejeitar, criticar, complementar uma visão de mundo acerca de determinado tópico etc. A citação entra na estrutura enunciativa com diferentes matizes de apreciação. Desta forma, pode-se citar para corroborar uma ideia, reforçá-la, rechaçá-la, complementá-la, ensejando uma discussão mais aprofundada sobre determinado tema. Sarfati (2010) aponta que as citações possuem alguns valores, tais como o valor crítico, ilustrativo, pedagógico, enfático, protetivo, estético, valor de caução, dentre outros. Vê-se, por aí, que se trata de um fenômeno multifuncional e bastante recorrente.

As obras gramaticais, normativas ou descritivas, geralmente tratam essa questão enquanto problema de ordem morfosintático. A despeito dos critérios utilizados e dos exemplos fornecidos, e, mesmo em alguns casos em que demonstram uma análise linguística apreciável, esses compêndios não dão conta da complexidade do tema da citação. O empreendimento de analisar as relações lógicas, ou seja, linguísticas, nos enunciados, constitui apenas uma faceta da imensa complexidade de um assunto que envolve também relações dialógicas, que ultrapassam os limites da estrutura linguística e atingem os níveis discursivo-ideológico e sócio-histórico.

Bakhtin (2010) propõe que as pesquisas que concebem a língua enquanto fenômeno dialógico não devem rejeitar os pressupostos da chamada linguística estruturalista, ou linguística dura³, porém, a visão de linguagem que o autor compartilha juntamente com os chamados “membros do Círculo” (Voloshinov, Medvedev etc.), possui uma natureza extralinguística, ou, como ele mesmo denomina, “metalinguística”. Ele afirma que “A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso -, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir.” (P. 207).

Apesar da reconhecida importância do tema do discurso citado, tratado por Bakhtin e os membros do Círculo, especialmente Voloshinov (1929-1930, 2014) e por outros teóricos de renome como Authier-Revuz (1982, 1990, 2004), Maingueneau (2002) Castro (2009), dentre outros, este tema não tem recebido por parte de muitos estudiosos da linguagem a profundidade de tratamento necessária. Segundo Castro (2009, p. 120), nem no escopo dos estudos bakhtinianos, nem na Linguística, assim como no meio educacional mais amplo, as formas de citação da voz alheia têm ocupado o centro do debate. Ademais, no que se refere às análises de categorias bakhtinianas, ele declara que “[...] facilmente vemos autores se referindo aos temas da

³O termo é constantemente empregado no meio acadêmico para se referir às concepções de língua de acordo com a visão estruturalista, saussuriana.

polifonia, da carnavalização, do dialogismo ou dos gêneros do discurso, mas muito raramente encontramos autores colocando o tema da citação como centro de suas discussões”.

Conforme o pensamento do autor, apesar de muitas categorias linguísticas bakhtinianas terem uma conceituada aceitação por parte de estudiosos da linguagem, o problema das formas de transmissão da palavra de outrem não encontra grande repercussão nem mesmo dentro dos núcleos de estudos embasados na abordagem dialógica da linguagem de Bakhtin e os membros do Círculo.

Na esteira dessa discussão, este trabalho tem a proposta de analisar a heterogeneidade discursiva mostrada através do tratamento das formas de citação do discurso do outro no âmbito de três encíclicas escritas pelo Papa Francisco. O objetivo da análise é observar como o Discurso Religioso Católico Contemporâneo (DRCC) dialoga com a voz do *mesmo* e a voz do *outro*. Em outras palavras, objetivamos perscrutar as relações dialógicas estabelecidas por meio da apreciação da voz do outro - este outro compreendido como um *outro* enunciador, aquele que fala alhures. Nesta esteira, pretendemos examinar como ocorre a argumentação do discurso católico contemporâneo quando convoca a voz alheia para sua arena discursiva.

Trata-se, desta forma, de um trabalho quali-quantitativo, uma vez que busca interpretar as ocorrências das formas de citação, embasado em dados quantitativos de ocorrências de Discurso Direto (DD), Discurso Indireto (DI), Discurso Indireto Livre (DIL), Ilhota Citacional (IC) e outras formas da presença da voz alheia que possam ocorrer no *corpus*. Concomitantemente, buscamos perscrutar os sentidos alcançados com as formas de citação e as apreciações da voz do outro.

O diálogo e o problema do discurso citado

Bakhtin (2014) e os teóricos do Círculo consideram a linguagem enquanto fenômeno essencialmente dialógico. A comunicação está na base de seus pressupostos. Comunicação ativa e constante, pois em todas as esferas de utilização da linguagem, observa-se o caráter responsivo do discurso. Em maior ou menor escala, sempre dialogamos com o já-dito e nossos enunciados sempre ensejam uma resposta por vir. O enunciado é prenhe de respostas.

O diálogo bakhtiniano não é compreendido como uma interação face a face, com falas e tomadas de falas, segundo o modelo de réplica, tréplica e assim por diante. Considerar o diálogo em Bakhtin e o Círculo exige uma compreensão mais ampla. Os enunciados, sejam em forma de materialização falada ou escrita, dialogam no sentido de estabelecerem relações discursivas entre si. Os enunciados componentes das encíclicas do Papa Francisco, em pleno século XXI, “conversam” com enunciados de outras épocas, como o discurso cristão de cerca de dois milênios atrás, ou o discurso judaico do Antigo Testamento, muito mais remoto. Da mesma forma, os mesmos enunciados do domínio do DRCC dialogam com enunciados mais recentes, como textos da filosofia, da literatura, de um ou dois séculos atrás e com enunciados correntes, não necessariamente religiosos, na sociedade mundial contemporânea. Sobre esse aspecto, o autor assim se refere:

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2011, p. 323)

O autor aponta para a existência das chamadas relações dialógicas e, de certa forma, demonstra a metodologia de sua captura no fio discursivo. Segundo o mestre russo, os enunciados devem ser “confrontados em um plano de sentido”. É dessa forma que o analista poderá visualizar as intersecções discursivas, flagradas por meio das temáticas.

A título de exemplo, podemos constatar que os enunciados que entraram no DRCC ensejaram uma resposta e ela se materializou, com as mais variadas nuances relacionais, em diferentes campos discursivos da atualidade – não apenas no metadiscorso católico, mas em outros discursos religiosos (como no discurso religioso protestante e suas ramificações), no discurso científico e filosófico, no discurso midiático, no discurso literário etc. Essa constatação demonstra, em certo grau, a natureza dialógica da linguagem.

Um possível problema conceitual para quem trabalha com a ligação entre as formas de citação e o diálogo é que, aparentemente, Bakhtin não relaciona diretamente as duas categorias, conforme se pode observar no comentário abaixo:

Esse fenômeno da *reação da palavra à palavra* é, contudo, radicalmente diferente do que se passa no diálogo. Aí, as réplicas são gramaticalmente separadas e não são empregadas num contexto único. Com efeito, não existem formas sintáticas com a função de construir a unidade do diálogo. (BAKHTIN, 2014, p. 151, grifo do autor).

Porém, o próprio autor reconhece a proficuidade da análise das formas de citação, uma vez que elas encerram relações dialógicas por meio da recepção e transmissão da palavra alheia. Ora, se o diálogo é estabelecido pela coincidência temática, ainda que ocorra de forma tênue, ainda que se dê em diferentes momentos da história, as citações funcionam exatamente como índices de filiação temática. De alguma forma, em maior ou menor escala, o discurso citante toca a temática do discurso citado. Se assim não fosse, não haveria necessidade de citação.

Pode haver diálogo ou não em textos sem citações; porém se um texto cita um outro, certamente já conversaram, se relacionaram, dialogaram. Evidentemente, a posição do autor é a separação de duas categorias analíticas no plano teórico. Entretanto, ele não afirma que uma categoria seja excludente da outra. Antes, declara que:

O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental para o diálogo. (BAKHTIN, 2014, P. 152)

A palavra está sempre orientada para um interlocutor, com o qual estabelece relações direcionadas para a retomada, ainda que, como nos afirma Bakhtin (2011), essa retomada ou diálogo seja não intencional. Ainda assim há diálogo, pois o que caracteriza essa interação não é o

compartilhamento simultâneo de espaço e tempo, mas as relações de sentido estabelecidas, mesmo que sejam relações relativamente débeis, com pontos de interseção mais temáticos do que explicitamente morfossintáticos.

No caso do discurso citado, além da orientação da palavra para um interlocutor, existe a “alternância de sujeitos”. A palavra de um *outro*, que muitas vezes também se faz presente, pelo mecanismo de alternância, é intencional. A citação estabelece um diálogo intencional. Quando convocamos um enunciado de outrem para incorporar ao nosso próprio enunciado, o fazemos com alguma intenção. Não se trata de uma espécie de solidariedade enunciativa; a citação traz o outro para argumentar. Argumentar a favor de um ponto de vista, contra tal posicionamento, como forma de complementação de uma ideia etc. Em muitos casos, colocamos frente a frente trechos de palavras alheias em relação entre si. Assim, o Papa pode citar duas ou mais passagens de dois ou mais textos bíblicos e colocá-los em situação de complementariedade, de reforço. Poderia também convocar duas falas e pô-las em contradição, como um trecho bíblico e um trecho de discurso ateuista. Poderia assim fazer com intenções de apenas mostrar visões de mundo parecidas ou completamente diferentes; talvez para rejeitar uma visão e filiar-se à outra. Essa constatação é apontada por Authier-Revuz 2008, p. 118) quando afirma que:

Nesse sentido, falar é entrar em relação dialógica com esses discursos outros que habitam as palavras e é, nesse processo – que escuta, acolhe, com ou sem reticência, cada palavra, em função daquilo que ressoa nela de vozes estrangeiras, que o discurso toma corpo.

São muitas as possibilidades de relações de sentidos estabelecidas quando convocamos a palavra do outro, ou seja, quando citamos a palavra alheia. Essa convocação, geralmente com tons de apreciação, encerra sempre um diálogo, pois a razão de ser da presença do outro no nosso enunciado será sempre para um relacionamento de sentidos (negação, aceitação, complementação etc.) sobre um determinado tema.

Materiais e métodos

Procedemos à análise de três encíclicas papais de Francisco a fim de perscrutarmos as formas de citação presentes em seus discursos. Procuramos identificar, descrever e analisar as formas de citação nas três encíclicas denominadas: *Carta do Papa Francisco aos novos Purpurados que serão criados no Consistório de 22 de fevereiro*; *Carta do Papa Francisco aos participantes do XIX Congresso Internacional de Direito Penal e III Congresso da Associação Latino-Americana de Direito Penal e Criminologia*; e, por fim, *Carta do Papa Francisco às Famílias*.

O que buscamos analisar é não apenas a quantidade de citações presentes no *corpus*, como também os tipos de citações mais frequentes a fim de apontarmos características gerais da retórica franciscana no gênero estudado. De acordo com Bakhtin (2014), tanto o conteúdo semântico quanto o sintático, que o autor chama de “estrutura da enunciação citada”, permanecem palpáveis no texto. Portanto o plano estrutural e o plano temático são identificáveis e analisáveis. Essa possibilidade é atestada por Authier-Revuz (1990, 2004) através das análises da *heterogeneidade mostrada*, conjunto de formas discursivas visíveis a que as citações se filiam.

Partimos, então, das estruturas sintáticas visíveis, ou seja, as formas canônicas de citação do discurso do outro, ou seja, o Discurso Direto (DD), o Discurso Indireto (DI) e o Discurso Indireto Livre (DIL), que se acoplam na estrutura textual de diferentes formas, abordadas por Bakhtin (2014) e Authier-Revuz (1990, 2004). Além destas três formas, incluímos as formas conhecidas como Ilhota Citacional (Maingueneau, 2002). As descrições gerais destas formas de citação, encontram-se na seção subsequente. Depois de identificadas as citações, quantificamos suas frequências, descrevemos e interpretamos as ocorrências com base na abordagem dialógica do discurso de Bakhtin, na perspectiva de compreendermos como os textos do Papa Francisco estabelecem diálogos com as vozes encontradas em sua constituição.

A materialização da heterogeneidade discursiva através das formas de citação

A heterogeneidade discursiva se inscreve na estrutura textual de múltiplas formas. Abordaremos neste trabalho as formas elencadas na tabela a seguir. A ênfase está sobre as formas canônicas de citação do discurso do outro: Discurso Direto (DD), Discurso Indireto (DI) e Discurso Indireto Livre (DIL). Esta trilogia é amplamente analisada por Bakhtin (2014) e por outros teóricos, dentre os quais merece destaque o trabalho de Authier-Revuz (1990, 2004) e Maingueneau (1996, 2002) cujos *insights* demonstram a riqueza e a complexidade das formas de citação.

Neste estudo, nosso foco será as formas canônicas abordadas por Bakhtin (2014), ou seja, o DD, o DI e o DIL. Além disso, complementamos nosso quadro de análise com a forma secundária ou derivada, a saber, a Ilhota Citacional (IC), explicitada por Maingueneau (2002). No caso da Ilhota Citacional (IC), o discurso citante, absorve poucas palavras ou expressões curtas (pouco material sintático) do discurso citado, o que não deixa de evidenciar que se trata de uma pequena porção de DD inserida dentro de um DI. Estas formas de citação e suas características gerais encontram-se delineadas no quadro abaixo.

Quadro 1: Formas de citação e características gerais, segundo as Perspectivas de Bakhtin (2014), Authier-Revuz (1990, 2004) e Maingueneau (2002).

Formas de citação do discurso de outrem	Definição/Características
Discurso Direto (DD)	“[...] a tendência fundamental da reação ativa ao discurso de outrem pode visar à conservação da sua integridade e autenticidade. A língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis. Nesse caso, os esquemas linguísticos e suas variantes têm a função de isolar mais clara e mais estritamente o discurso citado, de protegê-lo de infiltração pelas entoações próprias ao autor, de simplificar e consolidar suas características linguísticas individuais.” (BAKHTIN, 2014, p. 155).
Discurso Indireto (DI)	“A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar suas fronteiras.” (BAKHTIN, 2014, p. 156).

Discurso Indireto Livre (DIL)	“[...] é a forma última de enfraquecimento das fronteiras do discurso citado.” (BAKHTIN, 2014, p. 159).
Ilhota Citacional (IC)	“[...] o enunciador citante isolou em itálico e entre aspas um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. [...] mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados. [...] a ilha está perfeitamente integrada à sintaxe: só a tipografia permite que essa parte do texto não é assumida pelo relator.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 151).

Análise e interpretação dos dados

A seguir, encontram-se as descrições das cartas que constituem o *corpus* da pesquisa, as citações extraídas das mesmas e as classificações propostas. Esses dados iniciais proporcionaram a elaboração das tabelas, em sequência, e geraram as bases para a interpretação com base nas características do discurso em análise.

Tabela 1: Citações da Carta do Papa Francisco aos novos Purpurados que serão criados no Consistório de 22 de fevereiro.

Carta	Citação	Tipo de citação
Carta do Papa Francisco aos novos Purpurados que serão criados no Consistório de 22 de fevereiro	C 01: Desejo que, enquanto agregado à Igreja de Roma, <i>revestido das virtudes e dos sentimentos do Senhor Jesus</i> (cf. Rm 13, 14) tu possas ajudar-me com eficácia fraternal no meu serviço à Igreja universal. (grifo do autor).	IC
	C 02: E, embora pareça um paradoxo, este poder olhar mais longe e amar mais universalmente, com maior intensidade, só se pode adquirir seguindo o mesmo caminho do Senhor: a vereda do abaixamento e da humildade, <i>assumindo a forma do servo</i> (cf. Fl 2, 5-8). (grifo do autor)	IC

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 2: Carta do Papa Francisco aos participantes do XIX Congresso Internacional de Direito Penal e III Congresso da Associação Latino-Americana de Direito Penal e Criminologia.

Carta	Citação	Tipo de citação
Carta do Papa Francisco aos participantes do XIX Congresso Internacional de Direito Penal e III Congresso da Associação Latino-Americana de Direito Penal e Criminologia	C 03: Também a Igreja gostaria de dizer uma palavra como parte da sua missão evangelizadora, e em fidelidade a Cristo, que veio para «proclamar a libertação aos cativos» (Lc 4, 19).	DD
	C04: Um modelo bíblico de reparação pode ser o Bom Samaritano. Sem pensar em perseguir o culpado para que assuma as consequências do seu gesto, assiste quem permaneceu ferido gravemente à margem	DI

do caminho, indo ao encontro das suas necessidades (cf. Lc 10, 25-37).	
C05: Um modelo bíblico de confissão é o do bom ladrão, ao qual Jesus promete o Paraíso porque foi capaz de reconhecer o seu erro: «Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas Este não fez mal algum» (Lc 23, 41).	DD
C06: Em todas as pessoas a capacidade de agir muito bem convive com a possibilidade de causar muito mal, por mais que se deseje evitá-lo. (cf. Rm 7, 18-19).	DI
C07: Uma sociedade baseada unicamente nas regras do mercado, criando expectativas falsas e necessidades supérfluas, descarta quantos não estão à altura e impede que as pessoas lentas, frágeis e menos dotadas abram caminho na vida (cf. Evangelii gaudium, 209).	DI
C08: A contrição é o pórtico do arrependimento, é aquela senda privilegiada que leva ao Coração de Deus, que nos acolhe e nos oferece mais uma oportunidade, contanto que nos abramos à verdade da penitência e nos deixemos transformar pela sua misericórdia. A Sagrada Escritura fala-nos dela quando descreve a atitude do Bom Pastor, que deixa as noventa e nove ovelhas, que não têm necessidade dos seus cuidados, e vai à procura daquela que anda errante e está perdida (cf. Jo 10, 1-15; Lc 15, 4-7)	DI
C09: [...] ou a do Pai bom, que acolhe o filho mais jovem sem recriminações e com o perdão (cf. Lc 15, 11-32).	DI
C10: É também significativo o episódio da mulher adúltera, à qual Jesus diz: «Vai e não voltes a pecar» (Jo 8, 11).	DD
C11: Aludindo ao mesmo tempo ao Pai comum, que faz brilhar o sol sobre os maus e os bons, que faz chover sobre os justos e os injustos (cf. Mt 5,45), Jesus convida os seus discípulos a ser misericordiosos, a pagar com o bem a quantos lhes fazem mal, a rezar pelos seus inimigos, a oferecer a outra face, a não guardar rancor...	DI
C12: Portanto, a Igreja propõe uma justiça que seja humanizadora e genuinamente reconciliadora, uma justiça que, através de um caminho educativo e de uma penitência corajosa, leve o delinquente à penitência, à reabilitação e à reinserção total na comunidade.	DI
C13: Despeço-me de vós confiando-vos ao Senhor Jesus, que nos dias da sua vida terrena foi aprisionado e condenado à morte injustamente, identificando-se com todos os cativos, culpados e não: «eu estava na prisão e viestes visitar-me». (Mt 25, 36)	DD

Fonte: Elaborada pelo autor.

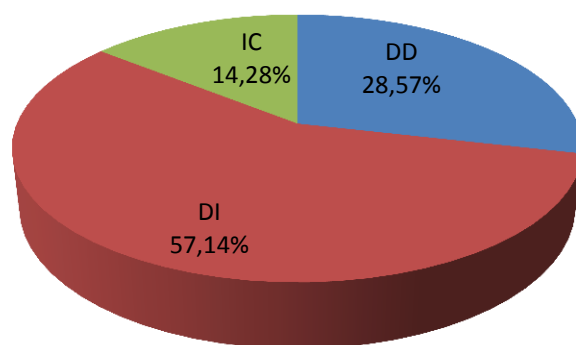
Tabela 3: Carta do Papa Francisco às Famílias.

Carta	Citação	Tipo de citação
Carta do Papa Francisco às Famílias.	C14: O evangelista Lucas conta que Nossa Senhora e São José, de acordo com a Lei de Moisés, levaram o Menino ao templo para oferecê-Lo ao Senhor e, nessa ocasião, duas pessoas idosas – Simeão e Ana –, movidas pelo Espírito Santo, foram ter com eles e reconheceram em Jesus o Messias (cf. Lc 2, 22-38).	DI

Fonte: Elaborada pelo autor.

As citações encontradas (C1 a C14), no conjunto das três cartas, ficaram assim demonstradas graficamente, segundo suas classificações:

Gráfico 1: Formas de citação nas Encíclicas de Francisco.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Estes são os valores aproximados encontrados, que demonstram uma predominância da forma de citação de discurso indireto. Logo em seguida, há uma quantidade considerável de discurso direto e, por fim, ilhotas citacionais ou textuais, em menor escala.

A massificação de formas de citação indireta pode ser indicativo de livre fluxo do pontífice através dos textos. Ele prefere não trazer a palavra do outro de forma intacta como ocorre em DD, para realizar, dentro de sua própria sintaxe, a argumentação. Observamos que 87,5% de todas as ocorrências de DI aparecem na *Carta do Papa Francisco aos participantes do XIX Congresso Internacional de Direito Penal e III Congresso da Associação Latino-Americana de Direito Penal e Criminologia*. A propósito, no total de todas as citações, 78,57% se encontram nesta encíclica. Comprendemos que o alto índice de citações nesta encíclica está diretamente relacionado ao auditório. Possivelmente, o pontífice sentiu necessidade de mais apoio, de mais vozes de maior autoridade para conseguir atingir um efeito mais forte de argumentação e convencimento acerca dos pontos abordados.

Na outra ponta, a *Carta do Papa Francisco aos novos Purpurados que serão criados no Consistório de 22 de fevereiro* apresenta apenas duas citações. Ambas são IC. A incorporação perfeita das temáticas e da sintaxe do discurso citado no discurso citante pode indicar que, embora se reconheça a palavra “ilhada” como de outrem, ela está completamente absorvida pelo

dizer, faz parte de forma imbricada de uma prática discursiva compartilhada com um auditório que é íntimo, ou, no mínimo, muito próximo. No total das citações, essa forma - IC - representa 14,28%.

Na *Carta do Papa Francisco às Famílias*, há apenas uma citação indireta. Atribuímos a escassez do recurso a dois motivos básicos: a extensão textual relativamente curta quando comparada às outras cartas e ao auditório a quem ela foi endereçada. É natural que um auditório como as famílias - mais especificamente as famílias católicas - compartilhem da mesma crença de seu líder e, desta forma, não há uma grande necessidade, a depender da complexidade do tema, da convocação recorrente de vozes. Em outras palavras, podemos argumentar que quanto mais distinto socialmente um determinado grupo se localiza, mais argumentação será necessária e, por conseguinte, mais vozes, mais diálogos precisam se materializar.

Um ponto importante a ser considerado é que 85,71% das citações são bíblicas. Se considerarmos que a C07 cita não um texto bíblico, mas um texto que pertence ao cânon da Igreja Católica, obtemos um percentual de 92,85% de citações sacras. Essa massiva porcentagem de citações bíblicas nos leva à hipótese de que é a partir de um determinado lugar (os textos sagrados) que o pontífice tece sua argumentação. Mostra ainda que o pontífice possui um bom embasamento bíblico, expresso pela quantidade de vezes em que fala, deixa falar e de onde fala.

Para concluir, observamos que todas as citações bíblicas são do Novo Testamento. Talvez não se possa presumir algo mais profundo ou expressivo, mas geralmente o discurso do Antigo Testamento - o tempo da Lei - é tido como um discurso mais engessado, punitivo ao passo que o Novo Testamento - o tempo da Graça - traz, segundo a crença cristã, um aperfeiçoamento daquilo que a Lei mosaica podia oferecer apenas como sombra. Estaria, então, o Bispo de Roma em consonância quase exclusiva com o discurso do tempo da Graça? É possível argumentar que sim, uma vez que, segundo Foucault (2003) os discursos possuem a característica de influenciar ou até mesmo "fabricar" os sujeitos. O sujeito é o conjunto de discursos que o constituem.

Considerações Finais

As discussões sobre o problema do discurso citado não é recente, porém está longe de se esgotar. A heterogeneidade mostrada pela citação é um campo que ainda precisa ser analisado e novos trabalhos surgem a partir de vários analistas para asseverar a proficuidade da categoria.

Nesse trabalho, procuramos analisar três pequenas cartas escritas pelo Papa Francisco a fim de perscrutarmos os sentidos que o uso das citações poderia provocar. Na análise empreendida, podemos compreender que o discurso religioso católico (DRC) é altamente marcado pelo dialogismo, pelas convocações das vozes alheias na tessitura argumentativa. Vimos também que as citações são quase totalmente bíblicas e que dentre estas, todas recorrem ao Novo Testamento.

O enunciador das cartas preferiu pisar sobre solo conhecido. Não convoca sentidos de outras formações discursivas. Não dialoga com um outro fora de sua esfera. Porém, dialoga intensamente com textos sacros. Busca, dessa forma, apresentar sua argumentação com base nas visões bíblica e católica. Todas as citações empregadas pelo enunciador indicam aproximação ou

filiação ao ponto de vista do discurso citado, caracterizando-se como vozes de “reforço” aos pontos de vista do pontífice.

Os auditórios aos quais o enunciador se dirige – clérigos, famílias e público do direito penal – tiveram diferentes pesos na utilização de citações. A depender do auditório, parece haver uma necessidade maior ou menor da utilização do recurso. Essas são algumas questões que a análise levantou e que podem ajudar a compreender melhor o funcionamento discursivo, essencialmente dialógico e heterogêneo. Outros trabalhos devem ser realizados a fim de adentrarmos cada vez mais no indômito terreno do discurso.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade (s) enunciativa (s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, SP: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez. 1990.

_____. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 19, 2012.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

_____. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1920-24].

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. **A heterogeneidade discursiva em revistas de divulgação científica**. Natal: UFRN, 2008. 184 p. Tese (Doutorado).

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. GREGOLIN, M. DO R.; BARONAS, R.(Orgs.) **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Claraluz, 2001.

CUNHA, D. A. C. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. In: **Matraga**, n. 22, 2008, p. 129-144.

_____. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. ISSN 2176-4573, n. 5, p. 116-132, 2011.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Tradução Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas, 1983.

Linguagem, São Carlos, v.24 (1): 2015.

Recebido em 20/10/2015. Aprovado em 19/12/2015.